

FAÇA-SE!

“Faça-se em mim segundo a tua palavra!” (Lc 1, 38)

Vê-se mesmo que é Natal!

Todos os anos acontece a mesma coisa: o Natal – que tem data marcada desde há muito tempo – surge sempre de repente. Parece que o dia 24 de dezembro cai sobre nós aos trambolhões, e nunca temos o tempo, nem o vagar, para preparar as coisas como gostaríamos. Este ano então, em que praticamente não temos quarto domingo do Advento, ainda vai ser pior.

Por outro lado, o Natal apanha-nos muitas vezes onde não queríamos estar. Uns de nós estarão de turno, no seu posto de trabalho, outros, com a família alargada, mas longe dos mais próximos. Iremos ter festas nas escolas, no trabalho, na paróquia, e chegaremos ao fim com a sensação de estar sempre no lugar errado.

E há ainda uma terceira situação, essa bem mais dolorosa: é que o Natal, que nós queremos à viva força associar a alegria, luzes e canções, vai acontecer para muitas, demasiadas pessoas, no meio dos maiores sofrimentos: a doença, a guerra, os traumas, a solidão.

É natural que surja o desabafo: nem parece Natal!

Será? Reparemos no Natal de Maria e José, o primeiro, o genuíno: Maria e José também tiveram a sensação de que tudo estava a acontecer demasiado depressa, e que fugia ao seu controlo; que não estavam no lugar certo à hora certa, muito pelo contrário: o poder político de então tinha-lhes trocado as voltas e o bebé iria nascer muito longe do berço tão cuidadosamente preparado por José, sem a ajuda da parteira de Nazaré... Por fim, o Natal de Maria e José também rimou com morte e tragédia, perseguição e fuga. Ainda mal se tinha recomposto do parto, e já Maria estava montada num burrinho para fugir para o Egito.

Então da próxima vez que sentirmos a tentação de dizer, “nem parece Natal!” Digamos antes: “Vê-se mesmo que é Natal!”

Faça-se!

Como reagiu Maria a todos os trambolhões deste seu tempo de Natal? A começar pelo primeiro, ou seja, pela revelação de uma gravidez não planeada? Nós estamos habituados a responder que Maria disse “sim”, e é verdade. Mas a palavra exata que as Escrituras nos dão é *Fiat, Faça-se!* Maria usou a mesma palavra que Deus usou no início da Criação. Esta mulher humilde, que vivia no fim do mundo, longe do Templo, longe da capital, ofereceu-se a Deus para ser canal da nova Criação. Por ela, Deus podia recriar o mundo.

Faça-se aqui também

Talvez o nosso Advento venha acompanhado de situações não desejadas, não planeadas, não calculadas. Se não o Advento, certamente a nossa vida, em algum ou em muitos momentos. O que respondemos?

Somos surpreendidos com um pé partido, uma doença do filho, um problema na educação das crianças. Tu precisas desta minha cruz, Jesus, para recriar o mundo? Faça-se!

Chegamos a casa ao final do dia, tudo por arrumar, a louça do pequeno-almoço ainda por lavar, as camas desfeitas. Vamos a isto? Faça-se!

As crianças estão traquinas, há narizes para limpar, lágrimas para enxugar, brigas para resolver, e os TPC são especialmente dolorosos hoje. Respiramos fundo para encher os pulmões de paciência: Faça-se!

Deus recria o mundo através do nosso *Fiat*, um gesto de cada vez. Parecem-nos gestos insignificantes? Ou pelo contrário, parecem-nos superiores às nossas forças? O Deus que criou as galáxias, criou também o átomo. Nada é demasiado grande ou demasiado pequeno para Ele. Faça-se!

Fazer o bem

Mas há um outro lado deste *Fiat*. É o que vemos acontecer de imediato na vida de Maria, logo depois da Anunciação, ainda durante o seu Advento: Maria partiu a toda a pressa para servir Isabel. Maria não se limitou a um *Faça-se* passivo, não se limitou a fazer o que tinha de ser feito, mas, e de novo como Deus no primeiro capítulo do Génesis, usou de toda a sua criatividade para inventar o Bem.

“Portaste-te bem?” Costumamos perguntar aos mais novos. Eles gostam de nos agradar e, geralmente, deixam-nos descansados: portaram-se bem. Não gritaram fora de propósito, não chamaram nomes feios a ninguém, não bateram, não morderam, e obedeceram à professora. Será suficiente? Maria ensina-nos que não. Que é preciso ir mais longe. Ser criativos no fazer, como Deus.

Talvez estejamos a fazer a pergunta errada então. Experimentemos: “Fizeste o bem?” A resposta já será diferente. Porque ninguém vai obrigar os nossos filhos a brincar com o menino que tem problemas, a acolher o estrangeiro que chegou há pouco, a perder o intervalo a explicar a matéria ao colega mais fraco. Mas eles podem escolher fazê-lo, como Maria, grávida, escolheu visitar Isabel. Faça-se! Façamos.

Compromisso

Que Maria, a Mãe, a Senhora do Advento, nos ajude a fazer como ela fez, transformando o nosso “sim” diário – o acolhido e o escolhido, o que tem de ser e o que decidimos fazer - numa obra de arte para o Senhor. Faça-se! Ámen.